



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

PAULO HENRIQUE DA ROCHA

**A RECEPÇÃO DE *O MULATO* PELA CRÍTICA LITERÁRIA  
DE FINS DO SÉCULO XIX EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO  
E RIO DE JANEIRO.**

---

Londrina  
2016

PAULO HENRIQUE DA ROCHA

**A RECEPÇÃO DE *O MULATO* PELA CRÍTICA LITERÁRIA  
DE FINS DO SÉCULO XIX EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO  
E RIO DE JANEIRO.**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Regina da  
Silveira

Londrina  
2016

PAULO HENRIQUE DA ROCHA

**A RECEPÇÃO DE *O MULATO* PELA CRÍTICA LITERÁRIA  
DE FINS DO SÉCULO XIX EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO  
E RIO DE JANEIRO.**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado  
ao curso de História da Universidade  
Estadual de Londrina, como requisito parcial  
à obtenção do Título de Licenciatura em  
História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Regina da Silveira  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Wander de Lara Proença  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Edméia Aparecida Ribeiro  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora professora Célia, por me ajudar neste meu primeiro exercício de escrita, agradeço a paciência, a compreensão e as palavras sempre valiosas.

## RESUMO

Este trabalho investigou a recepção do romance *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo - publicado em 1881 – no momento de sua aparição, levando em conta os primeiros leitores. O romance foi visto pela historiografia literária como o introdutor da tendência literária do Naturalismo no Brasil. Tal produção literária gerou polêmica e expôs os problemas sociais presentes em São Luís do Maranhão, lugar da ambientação literária do romance. O presente trabalho investigou a recepção de *O Mulato* pela crítica e o público de São Luís e também pela crítica literária profissional – que se formava - no Rio de Janeiro, especialmente aquela vinda da pena de críticos como Araripe Junior, José Veríssimo e Urbano Duarte. Concomitante a este objetivo, buscamos compreender pelo viés cultural da recepção, o contexto histórico-social em que o romance foi produzido, além de ressaltarmos as estratégias de Aluísio de Azevedo para divulgar sua obra e os fatores que contribuíram para a recepção em São Luís e na Corte.

**Palavras-chave:** *O Mulato*; Aluísio de Azevedo; Recepção; Naturalismo; História Cultural.

## **ABSTRACT**

This study aims to investigate the reception of the novel *The Mulato*, of Azevedo Aluisio published in 1881-at the time of apparition, taking into account the first readers. The novel was seen by literary historiography as the introducer of the literary naturalism trend in Brazil. Such literary production has generated controversy and exposed the social problems present in Sao Luis, place of literary romance ambiance. This study proposed to investigate the reception of the *Mulato* by the critics and the public of Sao Luis and also the professional that literary criticism is formed - in Rio de Janeiro, especially that coming from the critical pen as by Araripe Junior, Jose Verissimo and Urban Duarte. Concomitant to this objective, we seek to understand the culture of reception vies, the historical and social context in which the novel was produced, besides to emphasize the strategies of Azevedo Aluisio to publicize his work and the factors that contributed to the reception in Sao Luis and in Court.

**KEYWORDS:** *The Mulato*, Aluísio de Azevedo, Reception, Naturalism, Cultural History.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>03</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>04</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>05</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>CAPÍTULO 1 – “MELHOR FORA FECHAR OS LIVROS E IR PLANTAR BATATAS...” a recepção do romance <i>O Mulato</i>, de Aluísio de Azevedo em São Luís do Maranhão.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 2 - A RECEPÇÃO DO ROMANCE <i>O MULATO</i> NO RIO DE JANEIRO.....</b>	<b>24</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Foi a partir de meados do século XIX, como consequência de ideias racionalistas e cientificistas europeias que passa a surgir no mundo ocidental novas concepções sociais, econômicas, políticas e culturais. Nesse período, como acentua Nelson Werneck Sodré, os estudos da biologia, psicologia e da sociologia ao serem sistematizados buscavam colocar em cheque a cultura dominante impregnada de idealismo e religiosidade cristã (Sodré, 1965). É em meio a estes acontecimentos que, num período de crises políticas, sociais e econômicas, insere-se no Brasil o movimento literário do Naturalismo, em que o romance *O Mulato* Aluísio de Azevedo – publicado em 9 de abril de 1881 – é tido como um marco desta tendência literária no país pelos críticos.<sup>1</sup> Além de Aluísio de Azevedo, outros escritores tem seus romances inseridos na nova escola literária, como Adolfo Caminha, Júlio Ribeiro, entre outros. O naturalismo praticado por escritores brasileiros recebeu influências de autores europeus, como por exemplo, do português Eça de Queiroz, com a obra *O Primo Basílio*, e de seu mestre francês Emile Zola com o romance *Thérese Raquin*. Este por apresentar obras extensas, sólidas sob alicerces científicos e que fugissem da fórmula romântica pode ser considerado o maior divulgador do naturalismo. (Sodré, 1965).

Os romances naturalistas, apresentavam entre suas características a busca pelo real, sob o método da observação e documentação rigorosamente científica. Ao tratarem de seus temas e personagens procuravam usar uma linguagem crua e nua, sempre realizando suas críticas sociais com objetividade e sem idealizações românticas. Entre outros temas característicos do naturalismo está o anticlericalismo, críticas ao sistema escravagista e monárquico, além de assuntos relacionados a sexualidade<sup>2</sup> (Coutinho, 1988 ). Foi esta direção que Aluísio de

<sup>1</sup>

O romance *O Mulato* é considerada o marco do Naturalismo no Brasil e Aluísio de Azevedo o introdutor desse movimento no país. Todavia, Araripe Júnior em suas crônicas publicadas no jornal *Novidades* em 1888, via em José do Patrocínio com sua obra *Mota Coqueiro* (1876), o precursor do Naturalismo. Para Nelson Werneck Sodré, embora pelo consenso do público, *O Mulato*, é aceito como inaugurador do Naturalismo no Brasil, os livros *O Coronel Sangrado* (1877) e o *Cacaulista* (1876) de Inglês de Souza receberam mais traços naturalistas que a obra de Aluísio de Azevedo. (Sodré, 1965).

<sup>2</sup>

As características do Naturalismo possuíam semelhanças com o movimento do Realismo que em sua essência buscavam o real por meio de métodos de observação e objetividade, embora apresentassem características em comum, confundindo alguns leitores e críticos de fins do século XIX, o naturalismo,



segundo Afrânio Coutinho, era mais materialista, determinista e mecanicista em relação ao homem, a vida e a sociedade (Coutinho, 1988).

Azevedo percorreu para produzir o romance *O Mulato*. O seu enredo traz uma história de amor entre os personagens Raimundo e Ana Rosa, esta por ser branca, bem educada e filha de um comerciante português é impedida pelo pai, Manuel Pescada, de enamorar-se com Raimundo, que embora sendo bem educado e letrado – pois havia estudado na Europa – todavia, por ser mulato foi vítima de preconceito da família da moça, sendo até mesmo restringido de namorar a amada Ana Rosa. (Azevedo, 1996).<sup>1</sup> Entretanto, é em meio a esta trama que o romancista, em sua obra *O Mulato*, realiza críticas ao preconceito racial presente em São Luís, à imoralidade e posição inerte do clero católico frente a esse contexto, as relações sociais de clientelismo e mandonismo local, entre outros.

O escritor naturalista Aluísio de Azevedo – filho da união do comerciante e posteriormente Vice-Cônsul de Portugal, David Gonçalves de Azevedo e Emília Amália Pinto de Magalhães – nasceu em São Luís e durante sua existência (1857 – 1913) viveu diversas experiências literárias e políticas. No que se refere ao campo das letras, não se limitou em produzir apenas romances, como por exemplo, *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884), *O Coruja* (1885), *O Cortiço* (1890), entre outros. Foi um artista heterogêneo e plural, tendo vivenciado outras experiências literárias como os romances que escreveu, quando folhetinista e caricaturista de jornais em que trabalhou no Rio de Janeiro, além de peças de teatro e a escrita de contos. (Mérián, 1988).

Todavia, embora tendo navegado e percorrido por outras áreas literárias, foi mesmo como romancista naturalista que se destacou na história da literatura brasileira, na qual por meio de inúmeras obras pode deslumbrar e chocar o leitor e a crítica literária. Tendo em vista que Aluísio de Azevedo, publicou uma obra polêmica e expôs de modo cru e direto as mazelas sociais de sua cidade natal, é que propomos a desenvolver a pesquisa com o escopo de analisarmos a recepção do romance *O Mulato* pela crítica e o público de São Luís e pela crítica literária presente na Corte, sobretudo a realizada por Araripe Junior, José Veríssimo e Urbano Duarte. E para a elaboração do trabalho o campo historiográfico escolhido para discutirmos a

---

<sup>1</sup> A edição de 1996 do romance *O Mulato* – cotejada com o prefácio da 3ª edição de 1889 – é a fonte que utilizamos neste trabalho.

problemática proposta é o da História Cultural, mais especificamente, por meio das ideias de Roger Chartier – pensador da nova História Cultural – que defende um conceito de cultura como prática, representações e apropriações. Para esse autor “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos que se apropria”. (Chartier & Paire, 2001, p. 20)

Nesta perspectiva, propusemo-nos a estudar o romance *O Mulato*, ou seja, no domínio da recepção, pois acreditamos que a apropriação de uma obra literária possibilita ao seu leitor inúmeros olhares e recepções, muitas vezes desviando do sentido e interpretação tencionado pelo autor da obra, isto porque “a recepção inventa, desloca e distorce”. (Chartier, 1999, p. 9). Ainda, a obra literária por estar associada a um determinado espaço temporal, a agentes sociais contemporâneos a sua criação, constitui-se assim uma importante fonte, de um determinado contexto histórico-social. Chalhoub assevera que “qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada e situada no processo histórico”. (Chalhoub, 1998, p. 7). Destarte, o campo de pesquisa e de conhecimento histórico se torna mais fértil e alargado.

Tendo em vista estas proposições acerca da literatura, procuramos realizar nosso trabalho. No 1º capítulo desenvolvemos a recepção do romance *O Mulato* pela crítica local de São Luís e, concomitante a isso, mostramos as estratégias de Aluísio de Azevedo para divulgar sua obra. Um aspecto importante para a construção do capítulo e, de muita valia para o nosso trabalho, foram as crônicas publicadas pelos jornais maranhenses, elas nos permitiram uma análise da recepção do romance em São Luís. Foram extraídas de obras como: Aluísio de Azevedo e a polêmica d’ *O Mulato*, de Josué Montello; *Aluísio de Azevedo, vida e obra*, de Jean Yves Mérian; *O Mulato – cem anos de um romance revolucionário*, de João Mendonça Cordeiro; e *Nas linhas da literatura: um estudo sobre as representações da escravidão no romance “O Mulato” de Aluísio de Azevedo de Leydjane Michelle Veigas Diniz*.<sup>2</sup> No 2º capítulo nossa proposta foi expor a recepção do romance *O Mulato*, pela crítica

---

<sup>2</sup> Todos os textos da recepção do romance *O Mulato* publicados nos jornais de São Luís do Maranhão foram coletados dos trabalhos mencionados, ou seja, para a confecção deste capítulo, as fontes são de segunda mão. Isto porque não tínhamos nessa etapa da vida acadêmica condições objetivas de pesquisar nas fontes diretas.

literária do Rio de Janeiro, sobretudo, Araripe Junior, José Veríssimo e Urbano Duarte e elencamos no capítulo, os fatores que contribuíram para a boa acolhida da obra na capital do país.

## **1 - “MELHOR FORA FECHAR OS LIVROS E IR PLANTAR BATATAS...”: a recepção do romance *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo em São Luís do Maranhão**

A obra naturalista, *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo – publicada em 9 de abril de 1881, em São Luís do Maranhão, na tipografia do jornal *O Paiz* – foi considerada pelo público e pela crítica de fins do século XIX como o marco inicial da corrente naturalista no Brasil, demonstrou ser uma obra de expressão e conteúdo polêmico. No entanto, antes de considerarmos como o romance de Aluísio de Azevedo foi recebido em São Luís, seria oportuno nos atentarmos para a importância da recepção – pois este será o enfoque do presente trabalho – para pensarmos o significado da obra no momento de sua publicação, o que poderá levar-nos a horizontes de leitura e concepções estéticas e sociais do período focado. Parte-se do pressuposto de que por meio do estudo de uma obra literária e das leituras que ela motivou nos seus primeiros leitores, pode-se conhecer o contexto social, histórico e cultural de um período. Neste sentido, a literatura é uma fonte rica para o campo da história. A esse respeito, Antonio Celso Ferreira considera que as obras literárias por possibilitarem aos seus leitores uma diversidade de leituras e significados passaram a ser vistas pelos historiadores como fontes para a realização de inúmeros trabalhos. (2009, p.63). Esse autor ainda, salienta, que a literatura é uma “Fonte fecunda”, exatamente por estar enraizada na sociedade e em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais. O que permite ao analista verificar como o escritor cria e desenha seus mundos imaginários ou não.

A possibilidade de expressar suas visões e leituras de mundo é estendida não somente ao escritor, mas também ao leitor no momento da recepção. E ao considerar as múltiplas leituras de uma obra literária, Robert Jauss afirma: “Ela é antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual”. (1994, p.25).

A obra literária – assim como uma partitura que permite diversas leituras – possibilita ao seu público no momento da recepção, uma variedade de interpretações e avaliações. É exatamente esse horizonte de leituras um campo fértil, porque permite visualizar como uma obra foi lida e julgada no momento de sua aparição, pois é nesta ocasião que a obra poderá provocar reações em seu público, como: a decepção, a indiferença e a superação das expectativas. Deste modo, podendo nos oferecer uma importante chave de leitura para determinar seu valor estético naquele período histórico. (Jauss, 1994, p.31). Tendo em vista esse pressuposto sobre a recepção é que se analisará o universo de produção e das leituras sobre o romance *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo.

Ao ser lançado em São Luís, o romance - como se verá mais adiante – pode atender e contrariar as expectativas do público, recebendo dessa forma críticas e elogios do público no momento que veio a lume. É importante ressaltar que a cidade de São Luís possuía segundo o censo realizado pelo governo imperial no ano de 1872, 31.604 habitantes e permaneceu com esse número populacional até a virada do século XIX. O seu público leitor não era vasto e se localizava entre a população com melhores condições econômicas e que devido a este fator conseguiam ter acesso aos livros disponíveis nas livrarias da cidade. (Junior & Selbach, 2009). A condição econômica favorecida, apresentada por uma parcela da população de São Luís, adquirida em fins do século XVIII e início do século XIX, quando o ciclo de algodão produzido por mão de obra escrava, trouxe para o comércio do Maranhão, sobretudo para sua capital São Luís, um período de progresso material e cultural. No momento de lançamento do romance, a cultura do algodão perdera espaço para o açúcar que, então, dominava a economia comercial da cidade.

O progresso econômico alcançado pela elite rural e comercial do Maranhão e de sua capital fez com que as elites da província adquirissem novos costumes e hábitos culturais, como a leitura e o estudo. Os filhos destas famílias, privilegiadas pela situação econômica favorável foram matriculados em colégios da província e universidades europeias, a este respeito Carlos de Lima, salienta:

De volta da Europa, onde cursavam as universidades de Coimbra, quando não da França e da Alemanha, ou se educavam nos requintados salões, rapazes e moças, filhos dos abastados senhores rurais imprimiram à sociedade local costumes de apurado bom gosto e finas maneiras e verdadeira emulação com a esnobe colônia inglesa

aqui estabelecida e atendendo ao estímulo do crescente comércio francês de artigos de luxo. (Lima. História do Maranhão. 1981, p. 167. Apud Cordeiro, 1987, p.103).

O acesso ao luxo, a opulência e a bons estudos ficou restrito apenas a um pequeno grupo com melhores condições econômicas, enquanto que as camadas mais pobres do Maranhão e de sua capital, ficaram alijadas do crescimento econômico e cultural.

A despeito do crescimento econômico e cultural da província do Maranhão, a taxa de analfabetismo era significativa. Esse problema não era somente de âmbito regional, mas também nacional. Segundo Jean Yves Mérian, no final do século XIX, somente 15% da população do império sabia ler e escrever. (1988, p. 342). E com respeito a população do Maranhão, Nelson de Castro Senra nos informa, que dos 359.040 habitantes da província do Maranhão 68.571 eram leitores. (2006, p. 434). Mesmo o número de analfabetos sendo grande em São Luís e região, nem por isso eles deixaram de entrar em contato com o conteúdo da obra de Aluísio de Azevedo, porque foi comum no século XIX realizarem reuniões caseiras (saraus) para lerem em voz alta romances e poemas para aqueles que não sabiam ler. Ou seja, a prática da oitiva. O próprio romance *O Mulato* dá indícios dessa prática. Em um dos momentos da narrativa, Aluísio de Azevedo, menciona reuniões onde se liam poemas de Gonçalves Dias: “Com a vinda destes dois, a reunião tornou-se mais animada. Reclamou-se logo o violão, e seu Casusa, depois de muito rogado, afinou o instrumento e principiou a cantar Gonçalves Dias:

Se queres saber o meio  
Por que às vezes me arrebatá  
Nas asas do pensamento  
A poesia tão grata. (Azevedo, 1996, p.67).

A realização de oitivas contribuíram para que a obra de Aluísio de Azevedo se tornasse mais popular, deixando no dia de seu lançamento o clima quente e polêmico, na pequena cidade de São Luís.

As evidências dessa polêmica gerada pela obra, podem ser observados por meio dos diversos jornais impressos que circulavam diariamente na capital do Maranhão, como: *O Paiz*, *Pacotilha*, *Diário do Maranhão* e *o Publicador Maranhense*. Havia também aqueles que eram emitidos uma vez por semana como

*O Futuro, O Tempo e o Telégrafo*. Junto aos semanais, soma-se ainda os que eram trimestrais: *O Pensador e A Civilização*. Nas páginas destes jornais é que se veiculou as leituras acerca de *O Mulato*, servindo como instrumentos de críticas e elogios. Mas não somente isso, os periódicos funcionaram como um importante veículo de propaganda e promoção do romance, pois recorrendo a pseudônimos o autor utilizou quase todos os jornais de sua cidade para fazer alusões ao livro, enquanto este ainda estava sendo impresso. A promoção em torno da obra, pode ser vista como uma estratégia para criar expectativas, curiosidades e, por consequência, aquecer sua venda. Essa estratégia, como salienta Montello, era algo novo entre os escritores e o público de São Luís, pois na época os escritores não tinham o hábito de divulgarem suas obras. (Montello, 1975, p.4).

Para entendermos como eram os anúncios de jornais, que acabaram otimizando a polêmica em torno de *O Mulato* e direcionando sua recepção, seria importante observarmos alguns exemplos:

O MULATO! O MULATO! Quem não tiver ainda servido com um volume d'O Mulato, e não quiser ficar sem lê-lo, queira dirigir-se á casa do popular e sympathico Pachorra, a Rua das Barrocas nº 17 onde encontrará a sua disposição alguns desses volumes. Preço 3\$000. (Diário do Maranhão, São Luís, 9 de abril de 1881. Anúncios, p.3. Apud Cordeiro, 1987, p.69).

**GRANDE SUCESSO DO DIA! O MULATO.** Romance maranhense de Alúcio de Azevedo. Vende-se na redação do Pensador. Preço: 3\$000 réis. (Publicador Maranhense. São Luís, 10 de abril, 1881. P.3. Apud Cordeiro, 1987, p.67).

Notamos, por meio dos anúncios destes dois jornais, que embora tenham se limitado a trazer dados gerais do livro, como preço, título e local de vendas, é ainda possível verificar a estratégia de incitar o público a adquirir rapidamente o volume. Todavia houve jornais que trouxeram anúncios com teor polêmico, entre estes estão a *Pacotilha* e, sobretudo, *O Pensador* que se intitulava como “órgão dos interesses da sociedade moderna” e que ao ser financiado pela maçonaria tinha entre

seus dirigentes e redatores jovens intelectuais como Aluísio de Azevedo, Manuel de Bethencourt, Pedro Freire, entre outros. Recorrendo a pseudônimos, esses letrados puderam utilizar dos periódicos como instrumento de comunicação para publicarem artigos, crônicas e outros textos sobre *O Mulato*. (Montello, 1975, p.5).

Aluísio de Azevedo na coluna *Echos da Rua*, em que escrevia artigos para o jornal *O Pensador*, fazia sentir na pequena cidade de São Luís o seu espírito ostensivo e polêmico. E foi, neste tom, que o escritor se posicionou em sua coluna para divulgar sua obra:

O MULATO. Com este título será no principio do mez vindouro publicado um romance do Sr. Aluísio Azevedo, no qual o author propõe-se argumentar abusos religiosos, que se dão nesta cidade. Recebem-se assignaturas nesta redação. (O Pensador, São Luís, 10 de janeiro de 1881. Echos da rua, p.3. Apud Cordeiro, 1987, p.73).

O Mulato do nosso festejado chronista Aluísio Azevedo. Quem quiser conhecer o cônego Diogo, aquele tratante que tanto se parece com João Gadelhudo, agora é ocasião. Vende-se no nosso escritório á Rua da Palma. (O Pensador, São Luis, 10 de abril de 1881. Echos da rua, p.3. Apud Cordeiro1987, p.74).

A intensa propaganda realizada em torno do romance para que esse ganhasse visibilidade foi explorada até mesmo em canções, como a Polca de Antonio Raiol, intitulada *O Mulato* e a *trindade maldita*. Essa teria sido composta em homenagem a Aluísio de Azevedo e aos jovens redatores de *O Pensador*, que diante deste fato aproveitaram a oportunidade para anunciá-la:

Grande sucesso da actualidade. Polka para piano.  
O Mulato e...  
Composta e dedicada ao distinto maranhense Aluísio Azevedo e aos  
mais distintos redatores d'  
O PENSADOR  
Por  
Antonio Raiol  
Vende-se na Rua da Madre Deus nº 23. Copiadas a capricho pelo  
autor e pelo phantasioso desenhista de músicas  
Horacio Azevedo  
Há exemplares de 1\$ e 2 \$RS (Pacotilha, São Luís, 13 de abril de 1881.  
Anúncios p.3. Apud Diniz, 2008, p. 111).

Aluísio de Azevedo, com o intuito de propagar sua obra inundou a cidade de São Luís de anúncios, cartazes e figuras, na qual toda esta propaganda realizada sobre as mais variadas formas e com tom polêmico e provocativo acabou contribuindo para que o público e a crítica de São Luís elaborassem diversas leituras sobre a obra. Isso nos permite afirmar que autor participou de maneira efetiva na disseminação de seu romance, criando um determinado protocolo de leitura<sup>3</sup>.

A participação efetiva de seu autor contribuiu de modo significativo para a recepção do romance no momento de seu lançamento, episódio que ocorreu no jornal, *O Paiz*, no dia 9 de abril de 1881, sob a forma do seguinte anúncio:

Grande sucesso do Dia!  
O Mulato  
Romance de Aluísio Azevedo  
Vende-se na Redação do Pensador. (Apud Montello, 1975, p.4).

Após o lançamento, ficou evidente, pelo menos no que diz respeito às vendas, que todo o esforço e estratégia propagandista de Aluísio de Azevedo em criar uma determinada expectativa em torno do livro, foi recompensado. Isso pode ser apreendido no prefácio da terceira edição do romance, onde o autor afirma, que os primeiros mil exemplares venderam rapidamente, chegando até mesmo surpreendê-lo: “ O volume levou um ano a ser impresso; mas, em compensação, o primeiro milheiro de exemplares voou com uma presteza que surpreendeu deveras. Fui feliz.” (Azevedo, 1996, p.12).

A venda de mil exemplares – em pouco dias – na cidade de São Luís, fez com que o escritor recorresse ao jornal *O Paiz* para agradecer a boa aceitação. Entretanto, há indícios, como os atestados nos jornais da cidade que o romance *O Mulato*, não encontrou em São Luís apenas uma acolhida calorosa, mas também uma recepção desfavorável por parte de muitos de seus leitores. O que teria contribuído para esta recepção? O fato de a narrativa ser atravessada por um conteúdo polêmico, gerou na pequena cidade de São Luís um clima quente, entre o grupo católico e clerical que criara e mantinha o jornal *A Civilização* e o núcleo anticlerical, positivista

---

<sup>3</sup> O conceito de protocolo de leitura que foi cunhado, na década de 1980, pelo historiador francês Roger Chartier, “remonta aos elementos que determinado autor dissemina pelo texto de modo a assegurar ou ao menos indicar a correta interpretação que se deveria dar a ele”. (Chartier & Paire,



e livre pensador formado por Aluísio de Azevedo e os jovens intelectuais do jornal *O Pensador*.

No momento em que a obra é publicada, ambos os grupos travavam uma guerra doutrinária, jornalística e até judicial, na qual por meio dos periódicos locais trocavam notícias malévolas e difamatórias. Os ataques não se limitaram apenas aos textos dos jornais, Aluísio de Azevedo que se encontrava em São Luís desde 1878 e que voltava para sua terra natal devido a morte do pai, David Gonçalves de Azevedo, passa a usar sua habilidade como caricaturista – que fora

2001 p.10). O objetivo do protocolo de leitura é fazer com que o leitor compreenda o sentido do texto, no momento da leitura.

aprimorada no Rio de Janeiro em jornais que trabalhou, como *O Figaro*, *O Mequetrefe*, *A Comédia Popular* e a *Revista Ilustrada* – para criticar o excesso de poder da Igreja, a instituição monárquica e o regime escravocrata<sup>4</sup>. A capital do Maranhão, passa a ter suas paredes tomadas por caricaturas criadas por Aluísio de Azevedo, segundo Jeans Yves Mérian “pouco antes do natal de 1880 começaram a circular centenas de caricaturas dos membros mais conhecidos do clero de São Luís do Maranhão”. (Mérian, 1988, p.160).

Sendo assim, o debate entre o clero católico e os jovens intelectuais do jornal *O Pensador*, que se iniciara tempos antes da publicação de *O Mulato*, se torna mais acirrado a ponto de deixar os jornais e folhetins caricatos e ir parar num processo criminal.

Isto ocorre porque no dia 11 de março de 1881, pouco menos de um mês do lançamento de *O Mulato*, O Pe. Francisco José Batista, ao realizar o seu sermão, na igreja de São João, profere críticas contra os desmandos morais e dogmáticos dos jovens do jornal *O Pensador*, de seus patrocinadores maçons e de outros grupos considerados inimigos da igreja. Diante deste acontecimento, o jovem cadete, Artur Jansen Tavares – que também estava na assistência – não concordando com as palavras do padre, publica no dia 20 de março sob o pseudônimo N. Cícero,

---

<sup>4</sup> Na década de 1870, muitos grupos de intelectuais, no Brasil, facções políticas divergentes-levadas por ideias científicas europeias, recorreram a livros, panfletos e artigos de jornais, para desferirem críticas a monarquia a igreja, a escravidão e ao indianismo romântico, pois estes grupos almejavam, por meio, de uma grande estrutura social, econômica e política levarem o Brasil a modernidade. (Alonso,2002).

um violento artigo contra o padre e o clero de São Luís, com o título *Mais Uma Afronta*. Para que tenhamos ideia de seu teor crítico, transcrevemos a parte final, do artigo:

S. Reve<sup>mo</sup>. parece-nos ser bastante jovem ainda, julgamo-lo até uma criança pela imprudência com que se portou no púlpito para com o povo que, na nossa humilde opinião, deveria ter-lhe puxado as orelhas, como fazemos ao moleque que na rua não nos guarda o devido respeito. Aceite e procure seguir o que acima fica dito. Afastese também do paço Episcopal, onde germina a ignorância ao lado do crime; recuse as malévolas insinuações que contra nós, lhe faz Reve<sup>mo</sup> Cônego João Tolentino Guedelha Mourão, se não almeja filiar-se a essa horda de bandidos que covardemente, só nos assalta nas trevas. (Apud Montello, 1975, p.14).

As fortes palavras escritas no artigo pelo jovem cadete, fez com que o vigário geral – D. Antonio de Alvarenga, que se encontrava em São Luís desde 1878 com o intuito de lutar em prol da ortodoxia dogmática e da moralização dos costumes da sociedade e do próprio clero maranhense – convencesse o padre Francisco José Batista a abrir um processo contra o impressor do jornal *O Pensador*, Antonio Joaquim de Barros Lima, por injúrias recebidas. Processo que teve início, no dia 7 de abril de 1881 e que causou agitações e rumores entre o povo de São Luís, com alguns a favor e outros contra as partes litigantes, culminando alguns dias depois com a vitória do jornal *O Pensador*. Toda esta querela, dos jovens intelectuais do jornal, *O Pensador*, com a Igreja acaba otimizando, direcionando e criando uma predisposição para uma recepção desfavorável do livro.

Destarte, é neste ambiente tenso, polêmico e de lutas jornalísticas e judiciais entre clérigos e intelectuais, em que até mesmo a população é envolvida, que o romance *O Mulato*, é lançado no dia 9 de abril de 1881 pela tipografia do jornal *O Paíz*. A sua aparição naquele momento, acaba provocando impactos, sobretudo pelo conteúdo polêmico que expusera os acontecimentos e pessoas reais, instituições tradicionais, as mazelas, econômicas e sociais da cidade e os preconceitos raciais, a esse respeito Cordeiro nos diz:

Como da própria finalidade do livro, um retrato realista da sociedade da época, ressaltando as suas mazelas sociais, econômicas,

religiosas, como instrumento contundente de crítica mordaz e mortal a tudo isso contra o que se batia, de todos os modos, como uma arma poderosíssima na campanha, anticlerical, antirreligiosa e contra os preconceitos e desmandos de uma sociedade beata, hipócrita e pobre. (1987, p.37).

O livro de Aluísio de Azevedo, por realizar críticas ferozes, atingiu profundamente a alma de muitas pessoas que se viam retratadas “fielmente” em seus personagens. Por exemplo, o autor para atacar os bispos católicos criou como personagem de seu livro o cônego Diogo, uma figura abjeta e maldosa capaz de executar qualquer crime. Para atingir as mulheres ricas, religiosas e respeitadas de São Luís que, entretanto, eram tidas como perversas e agiam de modo preconceituoso contra negros e mulatos, Aluísio de Azevedo criou Dona Maria Barbara. Para fazer referência aos comerciantes portugueses, que demonstravam serem grandiosos e estavam dispostos a qualquer negócio para manter sua condição econômica e social, Aluísio de Azevedo cria Manuel Pescada. As mulheres frágeis – de espírito e de corpo – também são representadas no seu romance com a personagem Ana Rosa, demarcada pelo hysterismo e atitudes imorais para atingir seus objetivos. (Azevedo, 1996, p.17).

Estes são alguns, dos diversos personagens criados por Aluísio de Azevedo para expor de modo cru e direto as mazelas sociais e morais de uma sociedade beata, hipócrita e preconceituosa. Aluísio de Azevedo ao escrever seu romance – que segundo Josué Montello teria sido redigido entre o fim de 1879 e início de 1880 – o traçou, não sob os moldes de seu primeiro romance romântico *Uma lágrima de mulher* (1879), mas o fez segundo os parâmetros de uma nova corrente do pensamento artístico-literário: o Naturalismo. Entre suas diversas características estavam a crueza das expressões, a exposição de cenas detalhadas pretensamente fotografadas, a busca pelo real, o anticlericalismo, a histeria feminina, a pressão do meio, o sexo, a transgressão dos padrões, entre outros. (Coutinho, 1988, p.188-190).

É provável, segundo os estudos de Jean Yves Mérian sobre a vida de Aluísio de Azevedo, que este, tenha entrado em contato e sido influenciado pelo naturalismo, no período entre 1876 e 1878, anos em que viveu no Rio de Janeiro e que sob a influência e ajuda de seu irmão Arthur Azevedo, então conhecido e renomado no meio literário e cultural carioca, pode realizar trabalhos como

caricaturista em diversos jornais impressos, pois fora com o propósito de estudar pintura que teria ido para a Corte. O período em que vivenciou na capital fluminense propiciou a Aluísio de Azevedo um maior contato com as discussões e obras naturalistas especialmente as produzidas pelo português Eça de Queiroz, que por trazer em suas obras, como *O Primo Basílio*, temas relacionados a imoralidade e pornografia gerou uma série de polêmicas em Portugal e no Brasil<sup>5</sup>. (Mérian, 1988, p. 140).

Entretanto, para Josué Montello, Aluísio de Azevedo só manteve contato com os debates e polêmicas naturalistas após 1879, ano em que já estava em São Luís, e que sob a influência de Celso Magalhães – cidadão de São Luís desde 1849 e formado em Direito pela faculdade do Recife – pode se tornar arauto de ideias científicas europeias e literárias como o naturalismo. (Montello, 1975, p.48).

Independente de quem o influenciara, ou onde, Aluísio de Azevedo tenha entrado em contato com o naturalismo e ideias científicas europeias, como o positivismo de Comte, o certo é que no momento de aparição do livro essas teorias se faziam presentes em São Luís e possivelmente tiveram ressonância na forma do autor conceber seu romance. A publicação de *O Mulato* gerou polêmica, tendo sido recebido por críticas e elogios. Dentre os maiores críticos de *O Mulato*, está o redator do jornal *A Civilização*, Euclides Faria. Os clérigos de São Luís que já se encontravam em animosidades com os jovens intelectuais do jornal *O Pensador*, após terem sido representados no romance pela figura execrável e ruim do Cônego Diogo, recorreram a este escritor para realizar críticas ferozes que desqualificassem Aluísio de Azevedo e seu romance. Euclides Faria, entre julho e outubro de 1881, publicou na seção *Por Secas e Mecas* do jornal *A Civilização*, diversos artigos de ataques ao romance *O Mulato*, na qual alguns trazem os seguintes títulos:

---

<sup>5</sup> A esse respeito, José Leonardo do Nascimento, enfatiza que neste momento, o romance de Eça de Queiroz, vinha causando na capital fluminense uma série de comentários e polêmicos artigos produzidos por jornalistas e escritores, como Machado de Assis e José Duarte Ramalho Ortigão. Essas críticas ao romance, *O Primo Basílio*, ao gênero literário naturalista, se inicia com os artigos de Ortigão na Coluna “*Cartas Portuguesas*”, da *Gazeta de Notícias* de 25 de março de 1878, um outro autor que desferiu no mesmo ano, ataques antinaturalistas ao livro, foi Machado de Assis, nas colunas semanais em *O Cruzeiro*, nos dias 16 e 30 de abril, as críticas consistiram e argumentos desfavoráveis em relação a presença de conteúdos imorais, pornográficos e libertinos na obra. Todos apontamentos desfavoráveis empreendidos por Machado de Assis e outros escritores e jornalistas do Rio de Janeiro, acabaram popularizando e aproximando o público carioca da obra de

**Lá vai o Mulato, De que Gênero é o Mulato, O Mulato Está Azul, Injúria ao Maranhão! O Zote e a moral.** Nestes artigos o redator se apresentava sob o pseudônimo, Joaquim de Albuquerque, que Aluísio de Azevedo pensava ser o Pe. Fonseca e que só tempos depois, quando já no Rio de Janeiro, afirma no prefácio à 3ª edição de O Mulato, ser Euclides Faria o autor dos artigos e que segundo Azevedo foi um dos mais ilustres redatores do jornal, A Civilização. (Apud Cordeiro, 1987, p.114-115).

Para termos ideia do teor crítico dos textos de Euclides Faria – que em seus artigos se referia a Aluísio de Azevedo como o Zote – seria interessante transcrevermos partes de alguns destes artigos:

Eça de Queiroz, que naquele ano, devido a sua projeção e polêmica se tornou no Brasil um fato histórico. (Nascimento, 2008).

Eis ai um romance realista, o primeiro que brota no Brasil. É muita audácia, ou muita ignorância, ou ambas as coisas ao mesmo tempo! É contar demais com a ignorância dos leitores, com a benevolência da crítica nacional, e julgar os outros por si. Permito o jovem Zote, autor do Mulato, que me admire ainda uma vez. A sua compreensão sobre o realismo é de eternas luminárias! Melhor fora fechar os livros, ir plantar batatas e jurar com o antigão rifão:

***‘Abraçou o asno com a amendoeira E acharam-se parentes’.***

Para que o autor do Mulato nos desse a medida exata do seu realismo, devia abandonar essa vidinha peralvilha de escrevinhadelas tolas. Vá para a foice e o machado! **Ele que tanto ama a natureza, que não crê na metafísica, nem respeita a religião, que só tem entusiasmo pela saúde do corpo e pela real sensível e material, devia abandonar essa vidinha de vadio escrevinhador e ir cultivar as nossas ubérrimas terras. À lavoura meu estúpido! À lavoura! Precisamos de braços e não de prosas em romances!** Isto sim é real. A agricultura felicita os indivíduos e enriquece os povos! À foice e à enxada! Res non Verba. (Albuquerque, Joaquim de. A Civilização, São Luís 23 de Julho. 1881. Crônicas. Apud, Montello, 1975, p 27, grifos nossos).

Ao nos atentarmos a fala do redator, percebemos agravos e excessos de ataques ferozes, contra Aluísio de Azevedo e sua escrita naturalista. A severa crítica de Euclides Faria quando situada no clima de litígio e controvérsia que havia em São Luís, entre o jornal clerical e os jovens intelectuais positivistas do jornal

O *Pensador*, pode ser melhor compreendida. Aluísio de Azevedo ao redigir seu romance não restringiu críticas apenas ao preconceito de cor e ao clero, mas o fez também nas tradições e costumes da cidade. Ato esse que não passou despercebido pelas penas de Euclides Faria, que no artigo de 10 de Setembro de 1881, faz uma análise sobre o perfil dos principais personagens do romance, com o propósito de denunciar injúrias por parte de Aluísio de Azevedo em relação a família maranhense:

O Dr. Raimundo alardeado de positivista e homem de bem, entra em casa de seu tio, como hóspede e sai deixando a infâmia e a desgraça na família de Manuel Pescada, que o recebera de braços abertos. Ana Rosa que se apresenta como tendo recebido a melhor educação que se pode beber no Maranhão, era um tipo de lubricidades e acaba se queimando nas chamas de amores impuros. D. Maria Bárbara era uma fúria contra escravos, açoitava, queimava, matava...o demônio! Uma velha cheia de prejuízos de sangue de avós. D. Eufrásia, mulher de um oficial do 5º Batalhão, sempre se manifesta, ensinando torpezas às meninas, como Ana Rosa, e até mesmo no falar e gesticular porejava erotismo. (Apud Cordeiro, 1987, p. 125-126).

Para Euclides Faria, Aluísio de Azevedo ao apresentar seus personagens, criava uma imagem inverossímil, imoral e desequilibrada da sociedade de São Luís, onde segundo o crítico até mesmo costumes, festas e cenas descritas no livro foram irreais. O crítico do jornal clerical *A Civilização* ao escrever seus artigos, não poupou os mais leves deslizes do romance, chegando até mesmo a dizer que a obra não pertencia a um gênero literário específico, pois para ele possuía características de vários escolas literárias:

Tem paciência, meu Zote, nem tu nem O Mulato pertencem ao realismo... Mas então nos tirem desta ansiedade: que coisa é esse romance? Eis aí o ponto da questão. O Mulato, pertence a todos os gêneros de romances pelo que lhe dei a novíssima denominação de romance azul<sup>6</sup>. (Albuquerque, Joaquim, de. *A Civilização*, São Luís, 13 de agosto de 1881. Apud Cordeiro, 1987, p. 118-121).

---

<sup>6</sup> É possível que Euclides Faria, ao se dirigir a obra de Aluísio de Azevedo, como romance Azul, estivesse de modo pejorativo, fazendo uma referência aos livros da *Biblioteca Azul*, que se localizou na cidade de Troyes na França, a partir do século XVII, e que por muito tempo foi qualificada por atender um público popular e rural, e por compor obras que não pertencia a elite erudita. (Chartier & Paire, 2001, p. 100-105).

Euclides Faria, dando continuidade aos seus ferozes ataques, a Aluísio de Azevedo e ao seu romance, após ter classificado a obra como um “romance azul”, por não pertencer a nenhum gênero literário, acusa-o de plágio:

Eu disse que O Mulato é um plágio de certos romancistas portugueses e lá vai a demonstração:  
O Sr. Eça de Queiroz princípio o Primo Basílio, representando cenas e quadros numa estação de calor: O Mulato faz a mesma coisa. (Albuquerque, Joaquim, de. A Civilização, São Luís, 13 de agosto de 1881. Apud Cordeiro, 1987, p. 122).

O romance, *O Mulato*, que trouxe em seu conteúdo características naturalistas, ao realizar críticas aos costumes da sociedade escravocrata e ao seu alicerce religioso, político e econômico gerou recepções desfavoráveis como as expostas nos artigos de Euclides Faria, no jornal, *A Civilização*. Sendo assim, Aluísio de Azevedo acabou causando muitos desgostos e ressentimentos naqueles que se viram retratados no romance. A esse respeito, Alvaro de Sá Vianna, salienta em seu artigo publicado no jornal *Pacotilha*:

“O Mulato” não agradou em Maranhão; muita gente viu-se mais ou menos retratada, ou suas ficções em outros rostos o que não poderia agradar...  
Não podia agradar O “Mulato”. Foi um ferro em braza posto de encontro ao cancro do preconceito ridículo que à despeito de alguns parlapatões se pretende levantar, quando falta-lhes tudo a começar pela fátua nobreza de sangue. (Vianna, Alvaro de Sá.”Pacotilha”, São Luís do Maranhão, 16 de setembro de 1881. Apud. Mérian, 1988, p. 287)

Todavia, é importante mencionar, que embora as ideias apresentadas no romance de Aluísio de Azevedo, tenham sido recebidas com desafetos por muitos habitantes de São Luís e pelo jornal *A Civilização* – principal crítico da obra – outras pessoas e jornais da cidade, como *O Pensador* e a *Pacotilha*, posicionaram-se a favor de Aluísio de Azevedo e seu romance. O jornal a *Pacotilha* publicado aos domingos em São Luís e considerado um dos mais bem escritos do país, não só promoveu como também defendeu o livro sem reservas. Segundo Jean-Yves Mérian, foi no *Pacotilha* a partir de 27 de Junho de 1881, que Aluísio de Azevedo, sob o pseudônimo Giroflê respondeu diversos ataques proferidos por Euclides Faria nas crônicas *Por Secas e Mecas*, do jornal *A Civilização*. (Mérian, 1988, p.284).

Escrevendo para a *Pacotilha*, Álvaro de Sá Vianna, elabora vários artigos a favor do romance *O Mulato*. Em um destes artigos, o redator ao rebater as críticas de Euclides Faria sob inverossimilhança dos costumes maranhenses descritos por Aluísio de Azevedo, afirma:

A scena da morte de D. Maria do Carmo, com todas as particularidades com que Aluísio descreve não será uma scena de costumes? As festas no sítio do Caminho Grande, não é outro quadro bem colorido? O preconceito de raça não é caracter predominante em Maranhão? Albuquerque é que desconhece os costumes da província em que vive e em que eu nasci [...]. (Vianna, Alvaro de Sá. *Pacotilha*. São Luís, 16 de Setembro de 1881, p.2. Apud. Diniz, 2008, p. 119).

O jornal *Pacotilha*, por meio de suas páginas demonstrou ser favorável ao romance, até mesmo se posicionando a favor de ideias polêmicas, como por exemplo, a questão da abolição, na qual Vianna se expressa: “Aluísio Azevedo discute uma tese de interesse palpitante e de toda atualidade, como é o do igualamento de castas. *O Mulato* é um romance de propaganda enérgica em prol das ideias abolicionistas”. (Vianna, Alvaro de Sá. *O Mulato*, “*Pacotilha*”, São Luís do Maranhão, 15.9.1881. Apud Mérian 1988, p.300).



A obra de Aluísio de Azevedo teve o apoio de um outro veículo de informação, *O Pensador*, que ao ser lançado em 1880 em São Luís defendia o livre pensamento, a filosofia e as ideias positivistas de Augusto Comte e se posicionaram, entre outras coisas, contra o clero, a monarquia e o sistema escravagista presente em São Luís e no império brasileiro no período. Este jornal que era formado por Aluísio de Azevedo e jovens letrados, puderam por meio de propagandas e notícias sobre a obra, demonstrar que estavam a favor do romance. Um outro jornal que circulava em São Luís e assumiu posições favoráveis as ideias abolicionistas, anticlericais e positivistas contidas no romance foi o *Diário do Maranhão*, que no dia 9 de abril de 1881, faz referências a publicação da obra e elogia seu autor: “Romance – Da tipografia do País, onde foi impresso, acaba de sair o romance – O Mulato de que é autor o talentoso maranhense, Sr. Aluísio Azevedo. A obra é oferecida a seu irmão, o Sr. Artur Azevedo. Agradecemos o exemplar com que fomos brindados”. (*Diário do Maranhão*, São Luís, 9 de abril.1881.p.2.Apud Cordeiro, 1987, p.69).

Portanto, após termos considerado no capítulo a promoção do romance *O Mulato* realizada por meio dos jornais impressos, o público leitor que a obra atingiu, o momento de agitação e disputas ideológicas que havia entre cleros e anticlericais em São Luís no lançamento da obra, entre outros assuntos, podemos concluir que o romance *O Mulato*, por ter apresentado ideias de oposição à escravidão e ao clero pode causar polêmica na pequena cidade de São Luís, onde muitos puderam através dos canais de comunicação impresso se posicionar a favor ou contra o livro de Aluísio de Azevedo, pois afinal ninguém é profeta em sua própria terra.

Destarte como teria sido a recepção do romance *O Mulato* entre os críticos que se encontravam no Rio de Janeiro, sobretudo Araripe Junior, José Veríssimo e Urbano Duarte. Questão que será analisada no capítulo seguinte.

## **2 – A RECEPÇÃO DO ROMANCE “O MULATO” NO RIO DE JANEIRO**

Notamos, no capítulo anterior, que o romance de Aluísio de Azevedo, ao trazer em suas páginas críticas ao poder excessivo da Igreja, ao sistema econômico escravagista e ao poder político monárquico, deixou o clima quente na cidade de São Luís, provocando ressonâncias positivas e negativas sobre o modo do público e a crítica local receberem sua obra. Partes destas opiniões realizadas, foram veiculadas nos jornais impressos de São Luís, dentre eles, *O Pensador*, *Pacotilha*, *A*

*Civilização*, entre outros. Um dos críticos da cidade de São Luís que se utilizou do meio de comunicação que trabalhava, o jornal *A Civilização*, para desferir ataques ao romance de Aluísio de Azevedo, foi Euclides Faria, que entre os apontamentos negativos sobre a obra, dizia que o romance por trazer ideias exageradas sobre o Maranhão, poderia retratar a imagem da província de forma negativa diante de europeus. (Montello, 1975, p. 296). São Luís, no período de lançamento do romance, *O Mulato*, se apresentava como uma cidade moderna e cultural e entre os símbolos desta cultura se encontravam, construções arquitetônicas, casarões, teatros, escolas renomadas como o liceu maranhense, gráficas, livrarias e bibliotecas. (Mérián, 1988, p. 13-15)

Havia na capital maranhense no ano de lançamento d' *O Mulato*, um grupo de jovens literários e poetas conhecidos como o grupo maranhense, cujos membros pertenciam Antonio Gonçalves Dias, Trajano Galvão, João Francisco Lisboa, dentre outros, que juntos construíram um mito em relação a São Luís de "Atenas Brasileira", na qual estes jovens ao se inspirarem na cultura clássica europeia, encontravam na instrução e refinamento literário do grupo elementos que singularizavam a elite letrada da província, sobretudo de sua capital, remetendo-os ao cognome de atenienses. Posteriormente, essa distinção identitária de atenienses foi estendida a toda sociedade maranhense (Corrêa, 2001).

Contudo, podemos dizer que a imagem buscada por Euclides Faria e grande parte da sociedade maranhense, na obra de Aluísio de Azevedo, é de uma São Luís moderna, literária, cultural, educada e civilizada, assim como a Europa, seu espelho. Todavia, o romance no olhar de Euclides Faria apresentou a Atenas brasileira como sendo uma cidade imoral, supersticiosa, mal educada, bárbara, preconceituosa e escravagista. Esta representação, deixara Euclides Faria e demais críticos da obra preocupados, pois ocorrera em finais do século XIX, num momento de construção de uma identidade nacional, na qual cada província procurava ressaltar suas singularidades, deste modo São Luís, almejava apresentar-se frente aos europeus e demais províncias nacionais como uma cidade civilizada. O temor de Euclides Faria se torna maior porque o crítico demonstra estar consciente das dimensões que a obra poderia alcançar. Isto pode ser observado em suas palavras:

Tudo no romance é burlesco, ridículo ao extremo. A obra é péssima, mesmo pelo lado literário, não há dúvida; entretanto é um volume encadernado e há de viajar. Quem não conhecer a província, lendo semelhante escrito fará a mais desgraçada ideia do Maranhão. (Albuquerque, Joaquim de. *A Civilização*, São Luís, 10 de setembro de 1881. Crônicas. Apud Montello, 1975, p. 308, grifos nossos).

Notamos nas palavras de Faria que embora, considerasse a obra como péssima e burlesca, o crítico ainda assim previa a possibilidade do livro viajar para outras províncias do país. Apesar de Euclides Faria não ser um profeta, mas sim um redator do jornal *A Civilização*, as suas afirmações de o romance alcançar outras regiões do Brasil se confirmaram. O que pode ser apreendido nas palavras de Aluísio de Azevedo, no prefácio da terceira edição de *O Mulato*: “A imprensa da Corte recebeu-me bem, e, à imitação dela, a de todas as províncias do Norte e Sul”. (1996, p.12). Deveras, como exposto na citação acima, o romance de Aluísio de Azevedo, não só viajou para outros lugares, como também encontrou maior acolhida e boa recepção crítica, sobretudo no Rio de Janeiro, confirmando a máxima de que ninguém é profeta em sua própria terra.

Esta boa aceitação, na capital do império, foi muito importante para Aluísio de Azevedo, pois segundo Mérian, para um escritor se tornar reconhecido e ter sua obra aprovada a nível nacional, devia ser consagrado pela crítica da Corte. O autor, ainda reitera que, a despeito de toda polêmica e repercussão que o *Mulato* provocou em São Luís, se sua obra e seu talento não fossem reconhecidos pela crítica literária do Rio de Janeiro, Aluísio de Azevedo continuaria na sombra do Brasil. (Mérian, 1988, p.318). Tendo em vista que a capital carioca, no ano de lançamento de *O Mulato*, já era o centro da vida intelectual onde se encontravam um grande número de editores, leitores e críticos. Para Aluísio de Azevedo, ter seu romance aprovado e aceito pela crítica da Corte era sinônimo de reconhecimento e visibilidade a nível nacional. A crítica feita no Rio de Janeiro, no início da década de 1880, era exercida em sua maioria por escritores e literários que trabalhavam em jornais organizando colunas e notícias literárias. (Zilberman, 2004, p.88). Todavia, é neste momento que se inicia no Brasil com a geração de críticos como Silvio Romero, Araripe Junior e José Veríssimo, a profissionalização da crítica, na qual estes literários ao serem influenciados por pensadores da Escola do Recife, como Tobias Barreto, passaram a seguirem preceitos do positivismo, determinismo e naturalismo. Conforme expresso

por Regina Zilberman, a profissionalização da atividade crítica foi possível devido alguns acontecimentos:

A mudança de concepção sobre a atividade crítica, classificada como um fazer científico fundado em princípios e fiel a uma metodologia. O segundo acontecimento relaciona-se às mudanças das condições de trabalho intelectual, experimentadas, desde a década de 70 e que tomam feição crescentemente moderna após a proclamação da República. O crítico não poderia ser um profissional com todo o aparato antes descrito, se lhe faltassem os veículos. (2004, p.89).

Assim, os críticos na Corte ao realizarem uma abordagem científica e pautada numa metodologia cuja análise deveria se abster de motivações pessoais, ao se aproveitarem dos veículos de comunicação disponíveis, como jornais e revistas literárias, puderam realizar um trabalho crítico mais seguro e profissional, sob as obras, escritores e tendências literárias analisadas. Não obstante, em função de seu caráter institucional e profissional os críticos, no Rio de Janeiro, realizaram uma análise diferente da crítica feita em São Luís do Maranhão, que na época do lançamento d' *O Mulato* se deixou levar, muitas vezes, pelo tom de provocação e ofensas pessoais. A boa recepção dos críticos literários presentes no meio cultural da capital, não só contribuiu para o reconhecimento da obra e de seu autor, como também nos remete as diferentes possibilidades de leitura que uma obra literária pode proporcionar ao seu público, quer seja ele um leigo ou um crítico profissional, como bem enfatiza Roger Chartier, “As obras – mesmo as maiores, ou sobretudo, as maiores – não tem sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com a recepção”. (Chartier, 1999, p.9).

Em São Luís, *O Mulato*, por expor os vícios e preconceitos que caracterizavam a cidade foi recebido com desafeto por muitos habitantes e críticos locais, mas como já salientado, uma obra literária não possui um sentido e recepção universal, deste modo às leituras e olhares que o livro recebeu entre os críticos da corte contribuíram para sua boa acolhida, levando Aluísio de Azevedo, a escrever no jornal a *Pacotilha*, sob o pseudônimo de Lhinho, as seguintes palavras:

A Gazeta de Notícias, o Cruzeiro, a Gazeta da Tarde, o jornal do Comércio, outros periódicos, ocupam-se grandemente com *O Mulato*, romance publicado nesta província. O livro do nosso comprovinciano

teve a fortuna de ser bem recebido na corte. (Linho, Os jornais, *Pacotilha*, São Luís do Maranhão, 2/6/1881, p.3. Apud Mérian, 1988, p.319).

Para Aluísio de Azevedo, que acompanhava atentamente tudo o que os críticos publicavam sobre *O Mulato*, nos jornais e revistas da capital, a aceitação favorável de seu romance pelos críticos que atuavam no Rio de Janeiro, era uma promessa de sua consagração no resto do país. Entre os críticos da Corte que demonstraram boa aceitação pelo romance e que ainda assim, não deixaram de realizar uma análise literária metodológica sobre a obra foram Araripe Júnior, José Verissimo e Urbano Duarte.

O romance de Aluísio de Azevedo, difundido no Rio de Janeiro, quinze dias após seu lançamento em São Luís do Maranhão, só veio receber a análise crítica de Araripe Júnior, no dia 5 de novembro de 1881, em sua crônica publicada no jornal *Gazeta da Tarde*. Nele Araripe Júnior expressa suas primeiras impressões:

Ali há páginas tão suaves, tão doces, tão cheias da claridade rocicler, alencariana, que sou levado a crer que o mergulho dado pelo poeta nas águas encapeladas do Estige da nova escola foi apenas a superfície.

O novo romancista apresentou-se francamente como é no período de transição, de lutas, de vacilações. O seu livro em que se encontra cenas admiráveis, pode se dizer a crisálida de uma obra realista. Nem lagarta, nem borboleta. Não seja isto porém, motivo para doestos: porque o simpático escritor tem uma coisa que é o essencial; tem grande talento, tem imaginação fecunda. Sente-se-lhe na composição um arrastamento indicativo de força, de fôlego, de pulso, o que dá a entender que ele não ficará na estreia do *Mulato*. O livro começa em flagrante delito de preocupação zolaica e com uns ressaibos de quem acaba de fechar o *Primo Basílio* de Eça de Queirós. Ora, é esta superfetação que não me agrada. (Junior, 1958, p. 120-121).

Notamos, que Araripe J. aponta em suas críticas para o talento de Aluísio de Azevedo como escritor e, ao mesmo tempo, prevê para o romancista um grande futuro na literatura nacional. Desde a emissão desta opinião, os críticos na capital passaram esperar ansiosamente o lançamento do próximo romance na expectativa de saber se o maranhense confirmaria o talento demonstrado em *O Mulato*. A espera foi longa, pois Aluísio de Azevedo publica um romance naturalista somente em 1884, com *Casa de Pensão*. Araripe Junior, ao desferir em sua crônica

que a obra de Aluísio de Azevedo possuía suaves páginas alencariana, sendo esta a crisálida de uma obra realista e, portanto, “nem lagarta e nem borboleta” se tornou no país um dos primeiros críticos a perceber o quanto de resquícios românticos havia no romance, que fora considerado na época o marco da escola naturalista no Brasil.

Em sua análise o crítico demonstra não se agradar com as influências que as obras dos romancistas naturalistas, Emile Zola e Eça de Queiroz, exercem sob o romance do literato maranhense e diante disto pede que o escritor naturalista publique em sua próxima obra um naturalismo inteiramente nacional.

Araripe Junior, volta a escrever sobre *O Mulato*, em 1888, para o jornal *Novidades*:

Creio poder considerar o dia da publicação do *Mulato*, no Maranhão, em 1881, como um dia propício às letras nacionais... N' *O Mulato* existe, um germe, o Aluísio Azevedo que depois se manifestou na Casa de Pensão, na Filomena Borges, n' *O Coruja*, n' *O Homem*. (Junior, 1960, p.63-64).

Nota-se na citação acima que, Araripe Junior, acentua palavras que denota elogios e ainda nos diz que *O Mulato* ajudou a preparar um Aluísio de Azevedo que se manifestou em publicações posteriores mais preparado literariamente. Para o crítico que considera Aluísio de Azevedo brilhante, embora o romance contenha alguns problemas, sendo um híbrido de romantismo e naturalismo há muitas qualidades. A esse respeito, Araripe afirma:

Excetuando uma ou outra tirada biográfica, uma ou outra análise interior, o que avulta n' *O Mulato* é o tumulto das figuras, que não são poucas, a rapidez das cenas, a variedade das reações de personagem a personagem e a movimentação dos cenários que se sucedem. (Júnior, 1960, p.83).

Um outro crítico, presente no Rio de Janeiro, no período de disseminação do romance *O Mulato* – que dedicou atenção especial ao livro – foi José Veríssimo. Para ele o mencionado romance denotava a tendência naturalista, que focava uma observação rigorosa inspirada em métodos científicos e em uma diminuição da idealização romanesca. O que para Veríssimo significava um levante contra o Romantismo. Para este crítico o nosso naturalismo que nada mudou em relação ao naturalismo francês, recebeu influência e foi modelado por escritores

naturalistas como Emile Zola e seu discípulo português Eça de Queiroz. (Veríssimo, 1969, p.237).

Conforme Veríssimo, Aluísio de Azevedo trouxe para nossa literatura contribuições valiosas:

Visão mais clara das cousas, observação mais sincera e expressão em suma melhor... Êle trouxe à nossa ficção mais justo sentimento da realidade, arte mais perfeita da sua figuração, maior interesse humano, inteligência mais clara dos fenômenos sociais e da alma individual, expressão mais apurada, em suma uma representação menos defeituosa da nossa vida, que pretendia definir. Dos que aqui por vocação ou mero instinto de imitação, demasiado comum nas nossas letras, seguiram o naturalismo e se nêle ensaiaram, o que mais cabalmente realizou este efeito da nossa doutrina literária foi Aluísio de Azevedo, com uma obra de mérito e influência consideráveis. (Veríssimo, 1969, p.238-239).

José Veríssimo assim como Araripe Junior foi um dos primeiros críticos a enxergarem em *O Mulato*, características e dívidas com escritores românticos. Segundo o crítico “prostrava-se ainda o romantismo nos romances sempre lidos de Alencar e Macedo e de Bernardo Guimarães, ainda vivo”. (Veríssimo, 1969, p.238).

Embora as ideias sobre a tendência naturalista convergissem em muitos aspectos entre os dois críticos – Araripe Júnior e José Veríssimo – em alguns apontamentos ambos apresentavam opiniões diferentes. Enquanto para Verissimo o naturalismo brasileiro nada mudou em relação ao francês, para Araripe Junior essa tendência literária ao migrar para o Brasil não poderia deixar de passar por uma modificação, considerando a diferença entre as populações e os ambientes em que viviam. Para o autor o naturalismo brasileiro formou-se com “a luta entre o cientificismo desalentado do europeu e o lirismo nativo do americano pujante de vida, de amor e sensualidade” opondo um naturalismo decadente (brasileiro), a um naturalismo decadente (francês): “Um realismo quente em oposição a um realismo decadente, frio; a realidade do lirismo ou o lirismo da realidade, como mais apropriado entendam”. (1960, p.72).

Araripe Junior, ao escrever para o jornal *Novidades* em 1888, afirma que Aluísio de Azevedo não seguia o modelo naturalista importado e não cometeu o erro de copiar o modelo francês, razões pelas quais se tornou o grande expoente do movimento no Brasil. (1960, p.71).

O romancista maranhense não teve sua obra analisada apenas por José Veríssimo e Araripe Júnior, outros críticos presentes na Corte saudaram o

literato. Dentre eles Urbano Duarte que se referiu ao romance em um artigo no jornal *Gazeta da Tarde*, como um acontecimento na vida literária do Brasil e neste mesmo artigo cunhou a famosa frase para se referir a Aluísio de Azevedo: “Romancista ao Norte!”. (Apud Mérian, 1988, p.322).

Não obstante, a homenagem prestada pelo crítico ao romancista não ficou isenta de crítica, pois para Urbano Duarte, o romance apresentava falhas de estilo e incoerências no estudo da personalidade dos personagens principais:

Muitos supõem ter feito o supremo elogio de uma obra naturalista dizendo dela: é uma fotografia. Mas há fotografia puramente mecânica e há fotografia artística, para todos os preços. O Sr. Aluísio não é um simples artesão, mas também ainda não conhece completamente o processo artístico das proporções, das meias tintas e do “fine” de modo a dar-nos personagens como deveras são na vida real e sem “parti-pris” de escola. É um impressionista. Em achando a mancha da composição, pouco se lhe dá o resto, havendo, portanto borrões, falhas e alguns descuidos no correr da ação do romance. O caráter do principal personagem, Raimundo, nunca chega a desenhar-se nitidamente e vê-se bem que é mais produto de imaginação que da observação. (Apud Mérian, 1988, p.322).

Para Urbano Duarte, os personagens criados por Aluísio de Azevedo eram mais fruto de sua imaginação do que reais e foram elaborados para que o autor pudesse mostrar por meio das personagens mensagens sociais e morais acerca de São Luís. Apesar das críticas realizadas, Urbano Duarte, considerava o romance de Aluísio de Azevedo, como um livro notável e previa para seu autor um grande futuro no cenário literário:

Profetizamos um lugar brilhante na literatura ao senhor Aluísio de Azevedo, se ele curar mais da forma, se polir mais o estilo, desbastando-o das excrescências e alinhando-o com mais esmero. (“O Mulato” de Aluísio de Azevedo, *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 8.7.1881. Apud Mérian, 1988, p.323).

Após analisarmos algumas críticas de profissionais literários, percebemos que o romance foi acolhido calorosamente no Rio de Janeiro, tendo deste modo uma recepção diferenciada da que houve em São Luís. Tal fato nos leva a entender, que uma obra literária pode ser lida de modo diferente, por leitores que não tiveram relação direta com o contexto da escrita (Chartier, 1999, p.13). Em São Luís, o público leitor mantinha uma relação de aproximação e identificação com os fatos, locais e personagens presentes no livro, conhecendo até mesmo o autor do romance



que, por escrever em jornais da cidade como *O Pensador* e a *Pacotilha*, criou expectativa e se fazia conhecer entre os seus leitores. Ao passo que, no Rio de Janeiro, Aluísio de Azevedo não era um romancista popular e de todo conhecido, ou seja, o público da Corte, mantinha uma relação com a obra e seu criador, diferente da observada em São Luís, relações estas que acabaram interferindo na vendagem e recepção do romance *O Mulato*.

No Rio de Janeiro embora a recepção tenha sido mais favorável, o romance alcançou uma maior tiragem e vendagem, 1000 exemplares, em São Luís, e isto ocorreu segundo Aluísio de Azevedo “porque supunham que *O Mulato* era alguma terrível descompostura contra os pobres diabos de uns padres, que n’esse tempo escreviam um jornal catholico”. (*O Paiz*, São Luís, 16 de março de 1883. Publicações gerais, p.1. Apud Diniz, 2008, p.126).

Em São Luís, o fato de o público ter uma relação com o contexto de escrita do romance, contribuiu para que este – concordando ou não com as críticas políticas e sociais de Aluísio de Azevedo – gerasse polêmicas, o que colaborava para a vendagem de *O Mulato*. A narrativa de Aluísio de Azevedo continha em seu enredo diversos temas: escravidão, política, religiosidade, costumes, dentre outros, relacionados a sociedade brasileira, mais especificamente a de São Luís do Maranhão. Com isto, Aluísio de Azevedo pode apresentar aos seus leitores uma gama de interpretações, na qual algumas dessas temáticas adquiriam por meio dos instrumentos de comunicação maior ou menor destaque. Por exemplo, na capital maranhense, Aluísio de Azevedo, usou os jornais da cidade para explorar temas polêmicos envolvendo o clero e os seus abusos, para assim poder chamar atenção do público local para seu romance. Sobre este assunto, Mérian destaca uma questão interessante:

Os conflitos religiosos haviam perdido seu vigor no Rio de Janeiro, depois da questão dos bispos (1872-1876) e o público carioca não tinha as mesmas razões que o público maranhense, para interessarse pelo conteúdo polêmico anticlerical de “*O Mulato*”.

Para compreender a acolhida favorável dada a “*O Mulato*”, não deixa de ter interesse lembrar o vigor da campanha em favor da abolição que as sociedades abolicionistas e o jornal “*Gazeta da Tarde*” travavam desde 1880. (Mérian, 1988, p.319).

No Rio de Janeiro, Aluísio de Azevedo ao perceber que a questão

da abolição era um tema que movimentava o cenário das discussões nos jornais, explorou-o ao tratar de seu romance em artigos para os jornais cariocas o *Cruzeiro*, a *Gazeta da Tarde*, *A Gazeta de Notícias*, entre outros. (Nascimento, 2008). Esta atitude do romancista de ter explorado as temáticas da obra, de acordo com o contexto e os anseios de leitores, acabou tendo ressonâncias diretas nas distintas recepções d' *O Mulato*, em São Luís e Rio de Janeiro.

O fato de Aluísio de Azevedo ter ressaltado temas em sua obra que estavam em voga no Rio de Janeiro, despertou o interesse do público, favorecendo deste modo a boa recepção. Entretanto, há outros fatores que atuaram de modo positivo nesta boa aceitação de críticos profissionais e do público leigo. Ao tentar buscar uma resposta para o bom acolhimento do romance na capital, Veríssimo afirma:

A novidade um pouco escandalosa que trazia, ajudada demais do cansaço de fórmula romântica, foi grata ao nosso paladar enfastiado do romanesco dos nossos novelistas, e pouco apurado para saborear as finas iguarias do *Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicada em 1881, A gente habituada ao despejado naturalismo mesmo cru realismo das discussões políticas e brigas jornalísticas, aqui sempre descompostas ambas, e mais à proverbial licença da nossa conversação, a maneira zolista devia forçosamente de agradar. (Veríssimo, 1969, p.238).

Para o crítico contemporâneo da obra, José Veríssimo, a boa repercussão d' *O Mulato* no Rio de Janeiro, tendo até mesmo um acolhimento mais simpático do que *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, ocorreu devido à novidade do naturalismo que mesmo com uma narrativa direta, crua e escandalosa, acabou agradando os seus leitores. Um outro aspecto importante para solidificar e propagar o romance na Corte, refere-se as redes de relações sociais construídas por Aluísio de Azevedo por intermédio de seu irmão Artur de Azevedo. Este juntamente com outros amigos engajados no meio literário, abriu espaço para a publicização de *O Mulato* em Jornais carioca, como por exemplo a *Gazeta da Tarde*. (Mérián, 1988, p.318-321).

Além disso, o romance de Aluísio de Azevedo, ao ser difundido no Rio de Janeiro poucos dias após o seu lançamento em São Luís, beneficiou-se da tendência favorável do público às ideias naturalistas. Após a polêmica que suscitara

a difusão de “O Primo Basílio, de Eça de Queiroz, no Rio de Janeiro em 1878, o interesse do público pelo romance naturalista aumentou, gosto este que foi constantemente alimentado, por peças de teatro adaptadas de obras naturalistas e pela produção de artigos, jornais e revistas de críticos literários. (Mérián, 1988, p.321). Essa divulgação na Corte, em prol das obras e ideias naturalistas, foi importante para dar ao naturalismo honorabilidade e respeitabilidade entre o público, pois havia em fins do século XIX não só na capital, mas em todo o Brasil oitocentista a crença de que o romance poderia influenciar a conduta moral de seus leitores, especialmente do público feminino. Sobre o caráter pedagógico-moral do romance Célia Regina da Silveira, afirma:

Pode-se dizer que, nesse momento, para os autores de literatura prescritiva, o romance é uma ameaça; para o público leitor, é um modelo de conduta e projeções; e, para a crítica, um instrumento capaz de ensinar a virtude e/ou o vício. Em suma, em todas essas esferas, de maneiras diferenciadas, está presente a crença no caráter pedagógico-moral do gênero romanesco. (Silveira, 2008, p.218).

Desta forma, a tendência naturalista que, entre outros temas, retratava em seus romances assuntos sexuais de forma mais crua e direta – sendo até mesmo atacados por alguns críticos por expor estes assuntos – pode através da divulgação de suas ideias demonstrar valores morais defendidos em suas obras. Estratégia essa fundamental para a mudança de imagem e aceitação da tendência na capital do país.

Todos os fatores elencados acima nos permite compreender a acolhida favorável ao romance no Rio de Janeiro que, mesmo não alcançando a mesma difusão e repercussão social que em São Luís, encontrou recepção favorável em meio ao público leigo e literário da Corte. Isso pode ser apreendido no prefácio da 3ª edição do romance – publicada em 1889 – no qual Aluísio de Azevedo expressa palavras que denotam reconhecimento a importância desta aceitação calorosa: “agora que *O Mulato* vem de novo à tona da publicidade e agora que ele já não pertence a província nenhuma, mas sim ao público do Rio de Janeiro a quem devo tudo”. (1996, p.13).

Portanto, aos discutirmos neste capítulo, alguns apontamentos sobre

a acolhida favorável d' *O Mulato* entre o público leigo e os críticos literários da Corte, cuja aprovação do romance, foi importante para perpetuar a obra, concluímos que a recepção de uma obra literária não é universal, mas condicionada aos contextos históricos. Neste trabalho, procuramos evidenciar a leitura dos primeiros leitores, ou seja, do momento mesmo da aparição da obra.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na elaboração do presente trabalho, notamos que Aluísio de Azevedo, assim como muitos intelectuais do século XIX, defendia ideais republicanos, abolicionistas e anticlericais, com base de sustentação ideológica em teorias científicas europeias. Foi pautando-se neste pensamento, que o romancista publica – em 9 de abril de 1881 – o romance naturalista *O Mulato*. Obra polêmica, na qual o autor realiza críticas aos costumes sociais imersos na capital maranhense, São Luís. A obra de Aluísio de Azevedo que, foi muito bem explorada, pelo seu autor nos meios de comunicação da época, ao tratar de temas atuais do século XIX, como por exemplo, escravidão, abolicionismo, miscigenação, República, entre outros, acabou ganhando repercussão e projeção nacional, chegando a capital do país, Rio de Janeiro.

Deste modo, nossa proposta foi desenvolver a monografia, com o intuito de abordar a recepção do romance *O Mulato* pelos críticos literários de São Luís e do Rio de Janeiro. Para tal, recorreremos a uma abordagem de viés cultural para analisar as fontes utilizadas na produção deste trabalho: crônicas de jornais, escritas por críticos de São Luís e obras literárias escritas por críticos profissionais que atuavam em periódicos e revistas do Rio de Janeiro, além do próprio romance, *O Mulato*. Após desenvolvermos a pesquisa, sob o viés da recepção, chegamos a algumas conclusões, entre elas, a de que uma obra literária não é universal, pois permite ao seu público no momento da recepção múltiplas leituras e interpretações. Isto nos explica as diferenças das apropriações em São Luís e na Corte, levandonos a entender que de fato uma obra literária pode ser lida de modo diferente, por leitores que não tiveram relação com o contexto de escrita, e por aqueles que apresentam um arcabouço teórico maior.

Ao produzirmos o trabalho pelo viés cultural da recepção, percebemos que a obra literária por estar associada a um determinado espaço sócio-cultural e por agentes sociais contemporâneos a sua criação, torna-se um importante documento de um determinado contexto histórico-social. O desenvolvimento da pesquisa e sua sistematização na escrita desta monografia, fez com que notássemos que em cada lugar de produção e divulgação da obra, Aluísio de Azevedo, destacou temas do romance que estavam em maior evidência, mostrando-nos que a recepção de uma obra pode ser direcionada pelo seu produtor. Assim, após termos estudado o romance *O Mulato*, sob o domínio cultural da recepção, consideramos que este campo de pesquisa é fértil e largo, que poderá ensejar oportunidades futuras para novas pesquisas.

## **FONTES**

ARARIPE Júnior, Tristão de Alencar. **Obra crítica**. 1 Vol. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. São Paulo: Ática, 1996.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. 5ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

## **JORNAIS**

CIVILIZAÇÃO. Maranhão: Typografia da Civilização, 1880 e 1881.

DIÁRIO DO MARANHÃO. Maranhão: Typografia do Frias, 1881.

O PAIZ. Maranhão: Typografia do Paiz. 1880, 1881, 1883.

O PENSADOR. Maranhão: Typografia de Frias & Filho, 1880 e 1881.

PACOTILHA. Maranhão: Typografia da Pacotilha. 1881.

PUBLICADOR MARANHENSE. Maranhão: Typografia Imperial, 1881.

## **REFERÊNCIAS**

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império**. SP, Paz e Terra, 2002.

CHALHOUB, Sidney; Pereira, Leonardo Lima. **A história contada**. Rio de Janeiro:

Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_; Paire. **Práticas da leitura**. 2ª ed. SP, Estação da Liberdade, 2001.

CORDEIRO, João Mendonça. **O Mulato: Cem anos de um romance revolucionário**. S1, Edufma, 1987.

CORRÊA, Rossini. **Atenas Brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional**. Brasília: Thesaurus, 2001.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução a literatura no Brasil**. 13ª ed. Rj, Bertrand Brasil, 1988.

DINIZ, Leydjane Michelle Veigas. **Nas linhas da literatura: um estudo sobre as representações da escravidão no romance “O Mulato” de Aluísio de Azevedo**. UFU, 2008.

FERREIRA, Antonio Celso. “A fonte fecunda”. In: Pinsky, Carla & Luca, Ianic (orgs). **O historiador e suas fontes**. SP, contexto, 2009.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. SP, Ática, 1994.

JUNIOR, José O. Alcântara & Selbach, Jeferson Francisco (orgs). **Moralidade urbana em São Luís**. MA, Edufma, 2009.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913)**. RJ, Espaço e Tempo, 1988.

MONTELLO, Josué. **Aluísio Azevedo e a polêmica d’ O Mulato**. RJ, S.A. 1975.

NASCIMENTO, José Leonardo do. **O Primo Basílio na imprensa brasileira do século XIX: estética e história**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

SILVEIRA, Célia Regina da. **Erudição e Ciência: as procelas de Júlio Ribeiro no Brasil oitocentista (1845-1890)** / São Paulo: Editora Unesp, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1965.

ZIBBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2004